

Parte 1 - Práticas educativas

4 - A alma de nossas árvores: um diálogo entre o conceito aristotélico de alma, a educação ambiental, ensino de filosofia e a prática artística

Loni Lara Viegas
Jorge Benedito de Oliveira
Dayane dos Santos Silva

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

VIEGAS, LL., OLIVEIRA, JB., and SILVA, DS. A alma de nossas árvores: um diálogo entre o conceito aristotélico de alma, a educação ambiental, ensino de filosofia e a prática artística. In: BONOTTO, DMB., and CARVALHO, MBSS., orgs. *Educação Ambiental e valores na escola: buscando espaços, investindo em novos tempos* [online]. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016, pp. 89-104. ISBN 978-85-7983-762-3. Available from: doi: [10.7476/9788579837623](https://doi.org/10.7476/9788579837623). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/85fqc/epub/bonotto-9788579837623.epub>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

4

A ALMA DE NOSSAS ÁRVORES: UM DIÁLOGO ENTRE O CONCEITO ARISTOTÉLICO DE ALMA, A EDUCAÇÃO AMBIENTAL, O ENSINO DE FILOSOFIA E A PRÁTICA ARTÍSTICA

*Loni Lara Viegas
Jorge Benedito de Oliveira
Dayane dos Santos Silva*

Na ocasião das nossas primeiras reuniões e discussões do grupo de professores do Ensino Médio acerca da Educação Ambiental e o trabalho com valores, na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), câmpus de Rio Claro/SP, nos vimos imersos em um grupo totalmente heterogêneo, não apenas em relação às variadas disciplinas ministradas, mas, sobretudo, em relação às distintas unidades escolares de atuação, uma vez que em nosso grupo havia professores de Filosofia, Sociologia, Química, Geografia e Espanhol. Contudo, por motivos diversos, a maioria abandonou o trabalho, principalmente porque é muito difícil para um professor, com tantos afazeres pessoais, escolares e domésticos, conseguir conciliar tudo e ainda ter tempo disponível para dedicar-se à sua própria formação e estudo.

Assim, partimos do pressuposto de que seria interessante correlacionar nossa abordagem à definição aristotélica de “alma”, de modo a contextualizá-la e polemizá-la dentro da Educação Ambiental, mais precisamente no que diz respeito à “coisificação da natureza” – entendendo-a como algo secundário, ou sem a mesma importância e igualdade de valor que é dado ao ser humano. Então, estabelecemos o seguinte debate: “Será que a alma é um atributo exclusivo dos seres humanos? Se todos os viventes são dotados dela, se é um princípio comum a todos, por que a vida dos homens tem um valor distinto da vida dos demais entes da natureza? E, ainda: quem estabelece o valor de uma vida?”.

Então, sensibilizamos os alunos a partir da obra do pintor Modigliani e do poema musicado “A rosa de Hiroshima”, de Vinicius de Moraes, para ampliar a

reflexão e o debate acerca do que seria a alma e o seu princípio de equidade, estabelecendo uma ligação com as questões ambientais, mais especificamente à “coisificação da natureza” e à supremacia da atividade humana no planeta.

Segundo Grün (1996, p.27), “a ideia aristotélica de natureza como algo animado e vivo, na qual as espécies procuram realizar seus fins naturais, é substituída pela ideia de uma natureza sem vida e mecânica”. Caracterizando uma concepção mecanicista de natureza, que substitui a “apreciação da natureza viva” pela necessidade de torná-la objetiva, constituindo relações entre a sociedade e a natureza baseadas cada vez mais no distanciamento e subjugação dessa natureza.

Na modernidade, a ciência é marcada pela objetivação e dominação da natureza pelos homens, mas, segundo Japiassu (1991, p.302), para dominá-la é “preciso que a natureza mude de natureza. E eis que a natureza é matemática”. Assim, se entendermos que o ser humano é natureza, o processo de “coisificação” também o abrange.

A partir desse processo de coisificação da natureza, também emerge a crise ambiental, ressaltada por Leff (2001, p.195) como resultante do desconhecimento da lei da entropia, o que tem desencadeado uma produção material sem limites e os limites dessa produção. E as possíveis soluções não podem ser baseadas nos princípios que “têm fundado o desastre ecológico, a alienação do homem e o descobrimento do mundo”.

Nesse contexto, a Educação Ambiental crítica é uma ferramenta para enfrentar os conflitos e tensões entre sociedade e natureza, dada a importância dessa relação com a natureza na formação do sujeito. Entendendo que o pensamento crítico, de acordo com Trein (2007), possui um papel relevante na formação de sujeitos capazes de criticar o atual modelo de sociedade e que buscam construir um projeto societário em que as relações de exploração sejam avaliadas profundamente.

Ora, a partir da questão lançada aqui, a reflexão filosófica serviu como uma ferramenta capaz de compreender e tratar a crise ambiental atual, mas, sobretudo, como uma forma de retomar a sua origem, ou seja, buscando compreender quais são as causas e consequências para essa séria questão que vem se colocando desde a Grécia Antiga até os nossos dias. Assim, a filosofia foi usada para questionar e buscar compreender a crise ambiental contemporânea, sobretudo porque hoje também se trata de uma crise humana, portanto filosófica, não podendo ser distinta de todo o seu contexto e complexidade.

Pensando nessa direção, tentamos estabelecer um ponto comum entre todos os participantes do grupo para que, juntos, pudéssemos planejar nosso projeto coletivo. A primeira dificuldade a superar foi a diferente visão das respectivas

áreas envolvidas e, principalmente, a maneira como os professores de ciências exatas divergiam das opiniões do grupo de ciências humanas.

Vale lembrar que tal divergência não é novidade, mas revela-nos um desmembramento histórico e conceitual entre as diferentes metodologias das ciências humanas, exatas e biológicas; porém, parece-nos ser um ponto importante a refletir, pois é a partir do diálogo que o conhecimento é concebido, ou pelo menos deveria ser. Portanto, quanto mais as disciplinas interagem, superando as rivalidades, mais fortalecido se torna o processo de construção dos saberes junto aos jovens estudantes e, conseqüentemente, haverá mais êxito no ensino-aprendizagem.

No Brasil, o êxito escolar dos alunos do Ensino Médio nas escolas públicas é reconhecido por meio da aprovação no vestibular, no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), em concursos públicos etc. Obviamente, tais meios de avaliação são importantes, pois revelam o nível de conhecimento apreendido; contudo, entendemos que esse tipo de avaliação não consegue exprimir a capacidade intelectual humana e a sensibilidade de um estudante, mas, antes, as reduz a meros dados estatísticos. Ora, é sabido o quanto os adolescentes ainda estão em processo de formação cultural e intelectual, bem como em fase de amadurecimento, definindo suas próprias crenças, valores, ideologias e projetos de vida.

Se partirmos desse ponto para avaliar a qualidade das aulas nas escolas públicas do Brasil, concluiremos que há uma lacuna no que se refere às habilidades artísticas, ambientais, reflexivas, emocionais e psicológicas desses jovens; talvez por isso mesmo haja tanta indisciplina, desinteresse e apatia nas escolas brasileiras.

E, aqui, estamos diante de um dilema educacional nada inédito, mas de suma importância, pois justamente revela nossas falhas enquanto educadores e, principalmente, as falhas desse sistema educacional corrompido e falido, sobre o qual fazemos tal afirmação com muito pesar, mas também com muita convicção.

Atualmente é indubitável que a escola – enquanto instituição social – enfrenta uma crise educacional profunda, totalmente associada à crise de valores éticos e morais presente em nossa sociedade. Some-se a isso o fato de a sociedade contemporânea passar por uma “revolução tecnológica”, o que influencia de modo significativo o comportamento de nossas crianças, jovens e adolescentes.

É indiscutível também que o conhecimento, como um conceito intelectual abrangente, é pré-requisito necessário para a formação e desenvolvimento cognitivo de todo e qualquer ser humano, portanto não pode ser relegado a um plano secundário e sem valor.

Contudo, não podemos nos restringir ao conhecimento meramente tradicional, formal e cognitivo, devemos também buscar desenvolver outras habili-

dades intelectuais humanas, por exemplo o dom artístico, a sensibilidade, os valores etc.

Em relação à angústia vivida diariamente pelos professores em sua prática profissional, notamos o quanto esses profissionais estão desmotivados e insatisfeitos diante das exigências atuais de seu trabalho e dos méritos obtidos. O artigo “A (in)satisfação dos professores” (Alves, 1997) explica a questão:

A nível, propriamente, dos fatores de satisfação/insatisfação, é dado grande relevo, sobretudo numa linha determinante de insatisfação, aos fatores: econômico, institucional, pedagógico, relacional e social, lembrando que a maior ou menor força de cada um deles advém não tanto de uma atuação isolada, como da sua interligação com os demais.

Em 2013, sendo membro do projeto de extensão “Educação Ambiental e o trabalho com valores” do Programa de Formação Continuada de Professores, coordenado pela pesquisadora responsável prof^ª dr^ª Dalva Maria Bianchini Bonotto, da Unesp, câmpus de Rio Claro/SP, inexoravelmente questionamos como participaríamos de tal projeto, abordando também o caráter interdisciplinar da Educação Ambiental, ligada às disciplinas de Filosofia e Artes.

Foi então que pudemos notar o quanto essa prática interdisciplinar é bem-sucedida, agregando não apenas valores, mas também conteúdo às aulas – uma vez que é preciso elaborar um plano de ensino multidisciplinar e coletivo, com outros professores de outras disciplinas e até de escolas distintas, bem como buscar informações e dados complementares à temática abordada, e, principalmente, porque é obrigatório romper com o modelo atual e sistemático ao qual as escolas públicas do país estão subordinadas.

Aqui reside o fundamento dessa questão, pois sabemos o quanto é dificultoso, talvez até desgastante, ou mesmo frustrante, reivindicar nossa autonomia, não apenas enquanto professores, mas, sobretudo, enquanto educadores e seres autônomos em nossas práticas de ensino.

Porém, no decorrer das aulas práticas acerca da Educação Ambiental, percebemos claramente o quanto o conhecimento por si só fica restrito às apostilas do aluno da escola estadual de São Paulo, ou mesmo aos livros didáticos e às aulas expositivas, mas também notamos o quanto devemos romper com esses limites impostos pelos muros e paredes escolares, propiciando aos alunos oportunidades de expandirem seu acesso ao conhecimento, à cultura e ao lazer.

Entendemos que as condições do trabalho docente estão entre os maiores desafios, ou seja, há que se romper com a burocracia estatal imposta ao nosso dia a dia e com as barreiras físicas e estruturais impostas pelo atual modelo de

ensino, além de reivindicar e lutar por uma educação mais justa, ética e de qualidade, com melhores condições de trabalho aos docentes e, efetivamente, buscar políticas públicas de educação que de fato nos permitam tal avanço, que não sejam apenas demagogias eleitoreiras ou oportunistas.

Vivências da professora de Filosofia

*A alma das árvores revela-se
através de sua majestosa solidez
e solidão secular.*

Introduzimos o projeto pedagógico na Escola Estadual Professor Marciano de Toledo Piza com o 3º ano 2 do Ensino Médio, durante o 4º bimestre de 2013. Inicialmente, retomamos o conceito de alma definido pelo filósofo grego Aristóteles (384-324 a.C.): “A efetividade primeira de um corpo natural orgânico que em potência possui vida” (Aristóteles, 1999).

Contudo, é importante lembrar que esse autor apreendia a alma como essência (*ousia*), ou um princípio ativo de vida presente em todos os entes vivos, independentemente da sua espécie ou gênero. Ou seja, segundo ele, todos os seres vivos têm alma, pois estes têm vida, independentemente de serem homens, plantas, animais, árvores ou flores. Entretanto, para esse pensador não há alma fora do corpo vivo, visto que um cadáver é apenas um corpo homônimo ao de um ser vivo e, portanto, desprovido de alma, *anima*, essência ou vida.

E aqui reside o ponto crucial da nossa discussão, pois foi proposto aos estudantes do Ensino Médio refletir acerca dessa ideia, associando-a à própria noção que tinham de valor, uma vez que, forçosamente, se detiveram em considerar se “realmente haveria alma fora do corpo vivo, ou além deste”. E, principalmente, “se todos os seres vivos têm alma, estes têm o mesmo valor em si, portanto, independentemente de serem humanos, vegetais, ou animais detêm igualdade entre si próprios...”.

Todavia, surgiram divergências de opinião, pois alguns, devido à sua ideologia religiosa, não aceitavam que houvesse alma em outras espécies além da humana, pois a entendiam como “exclusiva ao homem, sendo esta ideia e semelhança de Deus”, portanto, possui um valor superior aos demais seres vivos.

Então, para ampliar a reflexão, foi apresentado o trabalho e a vida do pintor italiano Amedeo Modigliani (1884-1920). Os alunos puderam conhecer outra noção de alma, visto que, para Modigliani, “a alma era revelada através dos olhos dos seres vivos”. Para esclarecer, mostramos uma das obras mais famosas do

pintor, na qual retratou sua amante, Jeanne Hébuterne, grávida do segundo filho do casal e dias antes do suicídio dela (ocorrido logo após a morte de Modigliani, em janeiro de 1920). Vale lembrar que o quadro sugere a tensão da modelo, que vivia em condições difíceis devido ao estilo de vida boêmio e miserável de seu companheiro.

Assim, ao trabalhar os conceitos de alma de Aristóteles e de Modigliani, foi dada aos estudantes a oportunidade de refletir com mais rigor e, sobretudo, profundidade. Abrimos a discussão para a ideia de alma dos próprios jovens alunos, e também os questionamos e sensibilizamos acerca do valor da alma, da vida, ou da essência de todo e qualquer ente vivo, visto que todos detêm uma existência e esta, em si mesma, deveria ser plena e respeitada.

Dessa forma, buscamos ampliar a discussão sobre a definição de alma e nos aprofundamos ao propor uma questão sobre a hipótese de a alma não ser apenas um privilégio dos seres humanos, mas também pertencer à natureza como um todo, em especial às árvores ou animais. Fizemos um trabalho de campo para além das paredes de concreto e dos muros edificadas que tentam isolar os jovens estudantes da natureza, ou mesmo da sociedade, como se isso fosse lhes garantir paz, proteção, ou simplesmente sabedoria.

Vale lembrar que, durante o processo de questionamento sobre a coisificação dos seres, foram surgindo diversas dúvidas, além de certo ceticismo sobre o papel do homem perante a natureza.

Assim, em alguns momentos me vi em um impasse, pois uma aluna me questionou sobre qual seria a solução para enfrentar essa desvalorização ambiental diante da urbanização. Disse ela: “Todo mundo sabe que devemos cuidar do planeta e o que fazer para preservá-lo, mas a maioria não faz, continua sujando, depredando e poluindo o meio ambiente”.

E, diante dessa crítica, me senti impotente e um tanto frustrada enquanto professora, mulher e ser humano, uma vez que a aluna esperava que eu propusesse uma solução para esse dilema e eu não tinha, apenas dispunha da reflexão que usa a sensibilização como ferramenta de discussão do tema.

Com mais calma e certo distanciamento, posso afirmar que a impressão mais forte, complexa e profunda que o projeto causou em mim enquanto educadora e ser humano foi ao retornar à praça Santo Antônio,¹ onde fizemos um piquenique ecofilosófico. Inicialmente, a ideia dessa atividade pedagógica consistiu em fazer um trabalho de campo, uma pesquisa espacial geográfica, especificamente por causa da interdisciplinaridade do projeto (característica da própria Educação

1. Localizada na Vila Paulista, no município de Rio Claro/SP, fui junto com os alunos do 3º ano 2 do Ensino Médio da Escola Estadual Professor Marciano de Toledo Piza.

Ambiental, uma vez que não faz parte do currículo oficial do Ensino Médio, mas de um currículo diversificado e interdisciplinar, bem como contempla os “Quatro Pilares da Educação”: ser, fazer, conhecer e conviver).

Os motivos que me levam a considerar a importância de tal passeio são variados, mas, sobretudo, parece-me que remetem ao próprio conceito de *valor*, uma vez que é muito nítida em minha mente a lembrança dos adolescentes brincando pela praça, alegres, em harmonia interna, com os demais colegas e com a natureza ao redor. Corriam livremente, agindo com inocência, o que me faz indagar se aqueles jovens tinham realmente consciência plena do quão raro, particular e sublime era aquele momento.

Digo isso porque as lembranças de um indivíduo nos revelam, de maneira mágica e quase sobrenatural, os conceitos latinos e barrocos do *carpe diem* (aproveite o dia!) e do *memento mori* (lembra-te, homem, que morrerás um dia!). Os registros captam, revelam e tornam eterna a brevidade de nossos atos ou da própria vida.

Assim, a grata memória (fotografada, pintada, filmada, escrita ou simplesmente lembrada) contém em si mesma o valor não apenas do instante, mas demonstra também a história, a cultura, a época e, de modo bem particular, a própria essência da vida, independentemente de os protagonistas saberem ou não o quanto o momento é singular ou belo.

Hoje, ao reviver mentalmente o encanto daquele singelo piquenique na praça Santo Antônio, compreendo e concebo claramente que a vida é uma dádiva, e que devemos estar abertos ao inesperado, pois, ao aceitar que não podemos controlar o tempo, estamos aceitando a nossa condição de seres mortais: isto é um árduo, mas inexorável exercício de sabedoria.

Enfim, ao perceber o quanto nossa condição humana está sujeita à mortalidade, talvez, finalmente, compreendamos o quão inútil é tentar dominar a natureza a fim de mudá-la, ou subjugá-la aos nossos caprichos. Sejamos mais humildes, solidários, justos e verdadeiramente humanos.

Isso inevitavelmente me transporta a outra questão importante: “Como, enquanto sujeito e educador, podemos subverter a nossa noção de tempo cronológico ao próprio tempo em si mesmo?”.

Durante nosso trabalho diário em sala de aula estamos constantemente submetidos à tirania do relógio; ele é um fator determinante na atuação da nossa prática docente, seja através da duração da aula (50 minutos), do cumprimento de um currículo preestabelecido e normatizado em forma de apostila ou, ainda, da duração efetiva dos bimestres e das datas estipuladas para as avaliações e entrega de notas.

E, aqui, entra um aspecto político no qual as políticas públicas de educação no Brasil estão consolidadas, pois é deveras complicado ampliar tal projeto a um grande número de alunos. Por exemplo, estendê-lo aos alunos de Ensino Médio, onde há 40 estudantes por classe e, dependendo do número de salas que o professor da disciplina detém (em Filosofia, o professor tem duas aulas semanais em cada série, de maneira que esse número pode aumentar, fazendo, no decorrer de uma semana, eu atender aproximadamente 400 alunos em 20 aulas).

Ora, diante dessa implacável realidade, é muito penoso, ou quase impossível, que tais práticas multidisciplinares, em que os alunos saem para fazer registros, observações e vivências fora da sala de aula, sejam efetivadas com tranquilidade. Além de esses alunos não terem recursos materiais complementares à disposição, como o *datashow*, *CD player*, e principalmente atividades artísticas como pintura a guache e cola colorida, que exigem uma mudança na configuração das carteiras da sala de aula (em uma única fileira comprida) para melhorar o entrosamento e uso coletivo das tintas e outros materiais complementares.

Assim, devemos compreender que os professores enfrentam diversos problemas de espaço físico e também estruturais diariamente, sendo difícil superá-los devido à forma como tais empecilhos estão associados às ineficazes políticas públicas educacionais. Igualmente, fazer dos professores alvo de crítica não os ajudará em nada a superar esses problemas, mas somente os reduzirá a vítimas desse sistema político-educacional, desmotivando-os ainda mais. Ao contrário, tais profissionais deveriam ser ouvidos para uma efetiva melhoria da qualidade de sua atuação enquanto educadores.

Vivências do professor de Filosofia

Iniciamos nossas atividades em outubro de 2013, com o 2º ano A da Escola Estadual Pedro Raphael, em Santa Gertrudes/SP. O projeto durou oito aulas, de maneira que todas as aulas foram essenciais. Propusemo-nos a trabalhar o conceito de alma em Aristóteles, tendo em vista que os alunos não concebem a questão com complexidade, isto é, no sentido de todo ser vivo, seja planta ou animal, ter alma, pois muitos nunca haviam atentado para tal assunto.

Quando a proposta foi apresentada ao 2º A, os alunos se espantaram com as atividades que seriam apresentadas durante algumas aulas: “Por que nós? Como será?”. Percebi que foram mobilizados pela temática, gerando momentos de discussão e atenção diante da possível responsabilidade de estar diante de uma natureza “que pede socorro”.

É importante destacar que nem sempre todos se mantêm envolvidos, pois sempre há aqueles que se dispersam, a exemplo de duas alunas que não concordavam com a conversa estabelecida. Além disso, tive algumas dificuldades para aprofundar o assunto. Primeiro, devido à dificuldade que alguns alunos tinham de aceitar; segundo, devido à brevidade do tempo, que não permitiu alongar a discussão.

Ao refletir sobre o conceito de alma em Aristóteles e sobre as atividades desenvolvidas com os alunos, percebi a necessidade de registrar e relatar tudo o que foi visto, pois a natureza mobiliza cada um diferentemente. Um ponto alto seria registrar a observação do meio, a presença “viva” do aluno em contato com a realidade, o estar diante de algo que muitas vezes ele nem havia notado e apenas percebido como “normal”, a exemplo das árvores que nos circundam.

Tenho a impressão de que certas atitudes passam despercebidas. Um simples e talvez curto momento de observação do entorno leva o aluno a dar os primeiros passos em direção a uma nova aventura, a aventura do conhecimento. Entendo que, quando ele se volta a uma direção adormecida, inicia uma “viagem” rumo às questões ambientais; e então um novo olhar começa a ser construído, diante daquilo que está presente, que faz parte do meio social. Muitos que até então não tinham essa percepção, a partir das atividades começaram a olhar surpresos, pois jamais intuíram a grandeza do entorno e como este afetava cada um deles.

Durante as atividades do projeto, problematizamos as relações do ser humano com a natureza, que está tão castigada por um modo de organização social que simplesmente a destrói. E essa mesma organização social resulta na “coisificação do ser humano”, que, atualmente, tornou-se “a coisa que se vende e se compra”, um estímulo ao consumismo exagerado, com quase nenhum aproveitamento e sem nenhuma reposição, apenas o descarte.

Acredito que a escola é um espaço que possibilita a conscientização dos alunos a partir do reconhecimento da importância dessa natureza “que grita por socorro”. Assim, não basta apenas ter consciência; precisamos, acima de tudo, “colocar a mão na massa”, exercer dignamente o nosso lado humano, tornando-nos disponíveis à construção de valores onde quer que estejamos. Quem sabe, tendo os alunos como aliados e anunciadores desse trabalho de preservação.

Em Aristóteles, a importância da alma guarda relação com todo ser vivente que faz parte de uma natureza que está – ela mesma – viva e animada (no sentido da *anima*/alma), que sofre e possui seu valor para além da simples aparência. Esse filósofo nos diz que a ideia só existe nos seres individuais; aquilo que diferencia um ser inanimado de um ser animado é a *psique*, algo que lhe dá a vida, um termo que, na falta de expressão melhor, pode ser traduzido por alma.

As atividades com os alunos prosseguiram com a saída a campo, o estar em contato com a natureza e ver o belo – isso é possível quando se está diante da natureza viva mas não ignora as diversas outras formas de perceber a natureza ou ser sensibilizado por ela. Natureza, a continuidade do ser humano. O que foi observado? Bem, estar diante de uma obra viva, percebendo suas cores e formas, como são compostas. Para além do visual, podemos despertar outros sentidos: o contato com outros seres que habitam o meio, que compartilham esse meio.

Como citado anteriormente, considero a questão da brevidade do tempo um dos fatores limitantes da dinâmica escolar, pois muito daquilo que idealizamos fazer acaba por não ser desenvolvido, somos limitados a obedecer às horas-aula.

Um dilema: o tempo e as nossas escolhas. Colocar-nos diante do tempo – esse deus Cronos, criador do tempo, tido como impiedoso, sempre em guerra com os seres humanos –, uma vez que é impossível fugir dele, pois, mais dia, menos dia, todos seremos vencidos por ele.

Algumas considerações

Ao aceitarmos participar do grupo e do Projeto de Extensão “Educação Ambiental e o trabalho com valores” do Programa de Formação Continuada de Professores, na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), câmpus de Rio Claro/SP, durante 2013 e 2014, necessariamente fomos levados – tanto no decorrer do nosso processo de formação enquanto educadores ambientais quanto durante a efetivação posterior do projeto nas escolas – a refletir seriamente sobre a visão dos homens em relação à natureza.

Assim, inicialmente nos vimos envolvidos em uma questão complexa, a qual nos faria compreender a relação entre os nossos valores como educadores e o trabalho de despertar em nossos educandos os seus próprios valores e condutas sobre o planeta. Conforme o desenrolar, tivemos frequentemente que pensar a nossa atuação enquanto “sujeitos ecológicos” e, sobretudo, enquanto “sujeitos éticos”.

Ora, entendemos sujeito ecológico a partir de Carvalho (2001, p.61), que diz: “Esse sujeito se afirma contra uma ética dos benefícios imediatos e uma racionalidade instrumental utilitarista, que rege o *homo economicus* e a acumulação nas sociedades capitalistas”. Assim, ele é intrínseco à definição de sujeito ético, pois um sujeito ecológico seria alguém capaz de pensar e agir de acordo com os dilemas socioambientais, visando a um mundo mais sustentável, bem como o sujeito ético é todo e qualquer indivíduo capaz de ponderar sobre suas próprias atitudes em relação à natureza (incluindo as atitudes individuais e coletivas).

Enfim, podemos concluir que esse curso de formação de professores nos proporcionou subsídios básicos para atuar como educadores e sujeitos ecológicos dentro e fora da sala de aula, pois nos fez compreender que natureza e homem são um *todo*, que a destruição de um inevitavelmente acarretaria a destruição do outro e, portanto, devemos respeitar e consagrar toda e qualquer vida como algo sagrado.

Por ora, finalizamos esta breve reflexão com a afirmação do pensador Leonardo Boff (2003, p.37): “O ser humano é sempre parte da natureza e interventor da natureza. A relação ser humano-natureza é dialética, quer dizer, ambos se encontram indissolúvelmente intrincados um no outro, de tal forma que o destino de um se transforma no destino do outro”.

Referências bibliográficas

- ALVES, F. C. A insatisfação dos professores: estudo de opiniões dos professores do Ensino Secundário do Distrito de Bragança, III. In: ESTRELA, Maria Teresa (Org.). *Viver e construir a profissão docente*. Portugal: Porto Editora, 1997.
- ARISTÓTELES. *De anima*. Trad. Lucas Angioni. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. Livro I, cap.1-4; Livro II, cap.1-6, Livro III, cap.4-6.
- BOFF, L. *Éthos mundial: um consenso mínimo entre os humanos*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- CARVALHO, I. C. M. *Sujeito ecológico: sentidos e trajetórias em educação ambiental*. Porto Alegre, 2001. 342f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- GRÜN, M. *Ética e educação ambiental: a conexão necessária*. 13.ed. São Paulo: Papyrus, 1996.
- JAPIASSU, H. *As paixões da ciência: estudos de História das Ciências*. São Paulo: Letras e Letras, 1991.
- _____; MARCONDES, D. *Dicionário básico de Filosofia*. 4.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p.39.
- LEFF, E. *Epistemologia ambiental*. São Paulo: Cortez, 2001.
- METROPOLITAN MUSEUM OF ART. *Jeanne Hébuterne (1898-1920)*. Disponível em: www.metmuseum.org/collection/the-collection-online/search/488903. Acesso em: 15 abr. 2016.
- MODIGLIANI, A. *Os grandes artistas modernos*. 2.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- MORAES, V. A rosa de Hiroshima. In: *Antologia poética*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

QUINO. *Quadrinhos: Bien Chez Soi*. Paris: Editions Jacques Glenat, 1979. p.38.

TREIN, E. A contribuição do pensamento marxista à Educação Ambiental. In: LOUREIRO, C. F. B. (Org.). *A questão ambiental no pensamento crítico: natureza, trabalho e educação*. Rio de Janeiro: Quartet, 2007. p.113-34.

Apêndice

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS – UNESP/RIO CLARO

PROJETO DE EXTENSÃO/CURSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA
“EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O TRABALHO COM VALORES” – 2013

PLANO DE ENSINO²

TEMA/TÍTULO – “VIDA E MORTE: OS SERES, AS COISAS, A ALMA,
OS FATOS E O TEMPO”

Equipe envolvida no projeto em 2013

<i>Disciplina</i>	<i>Escola</i>
Sociologia	E. E. Prof. José Cardoso / E. E. Prof. Michel Antonio Alem
Geografia	E. E. Ary Leite Pereira
Filosofia	E. E. Prof. João Batista Leme
Espanhol	E. E. Prof. João Batista Leme
Química	E. E. Prof. Odécio Lucke / E. E. João Baptista Negrão
Filosofia	E. E. Prof. Marciano Toledo Piza

Objetivos

Espera-se que os alunos sejam capazes de:

- compreender a definição de *alma aristotélica*;
- refletir acerca do processo de vida e de morte nos seres vivos;
- correlacionar o conceito de alma (essência) com a vida dos demais entes vivos;
- apreender os conceitos latinos de *carpe diem* e *memento mori*;
- analisar criticamente as atitudes humanas em relação aos próprios homens, aos demais seres e, sobretudo, à natureza;
- compreender e questionar o processo histórico e social do conceito *alienação*;
- compreender a noção de alma/essência contida na pintura do artista Amedeo Modigliani;

2. Muitos dos objetivos inicialmente propostos pelo grupo foram revistos durante a fase de execução do plano de ensino. Optamos por manter a proposta inicial, que pode servir de inspiração a outros.

- analisar quimicamente o processo de decomposição das coisas, seres e materiais;
- observar e investigar a natureza e a vida que a compõe;
- registrar, coletar dados e informações sobre como tal natureza encontra-se no espaço urbano, ou seja, se está limpa, preservada ou em harmonia com o meio;
- valorizar e respeitar a vida de todos os seres vivos que participam da natureza;
- conscientizar acerca da importância e significado da natureza para a humanidade;
- sensibilizar para a contemplação da natureza.

Conteúdo

- Introdução à Filosofia Antiga através da definição de alma do filósofo grego Aristóteles.
- Definição dos ditos latinos e barrocos: *Carpe diem!*
- Breve biografia e análise da obra do pintor italiano Amadeo Modigliani.
- Definição do conceito de alienação e suas consequências políticas, sociais e ideológicas na sociedade vigente.
- Correlação do conceito de alienação com a análise dos quadrinhos do artista argentino Quino.
- Observação e análise do processo químico dos seres e/ou objetos em decomposição.

Atividades previstas

1ª parte – Reflexões sobre os conceitos de alma, vida e morte

<i>Procedimentos (Professor)</i>	<i>Procedimentos (Aluno)</i>	<i>Recursos</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Leitura oral de texto; definição e explicação do conceito aristotélico de alma. • Introdução ao debate oral em sala de aula sobre a seguinte temática: “Vida, alma, morte, tempo”. • Leitura e reflexão oral dos conceitos latinos <i>carpe diem</i> e <i>memento mori</i>. Explicação de seus significados. • Correlação do conceito de alma do filósofo Aristóteles com o trabalho artístico do pintor Amadeo Modigliani. • Pedir para os alunos definirem individualmente alma. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ler os textos didáticos junto com o professor. • Debater oralmente (em círculo) a temática proposta. • Analisar as ideias de alma em Aristóteles e Modigliani. 	<ul style="list-style-type: none"> • Cópias de textos didáticos. • Lousa. • Giz. • Círculo. • Cópias de imagens de quadros do artista Modigliani.

2ª parte – Diferenciação entre consumo e consumismo

<i>Procedimentos (Professor)</i>	<i>Procedimentos (Aluno)</i>	<i>Recursos</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Distribuição do texto “Sociedade e consumo”. • Leitura do texto para toda a sala. • Formação de duplas, ou grupos, para a análise do texto. • Orientação para a pesquisa: o tipo de lixo gerado no passado e atualmente. 	<ul style="list-style-type: none"> • Realizar a pesquisa em casa e levar na data determinada. • Acompanhar a leitura do texto para posterior análise e discussão. 	<ul style="list-style-type: none"> • Cópias do texto “Sociedade e consumo”.

3ª parte – Geração de resíduos sólidos e seus possíveis destinos

<i>Procedimentos (Professor)</i>	<i>Procedimentos (Aluno)</i>	<i>Recursos</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Música e leitura do poema “A rosa de Hiroshima”, de Vinicius de Moraes. • Definir o conceito de alienação em Karl Marx. Debater acerca da alienação e do consumismo nos dias atuais. • Correlacionar alienação marxista com os quadrinhos de Quino. • Solicitar uma breve reflexão em dupla, por escrito, da questão: “Como a alienação e o consumismo diários interferem no modo como observamos a natureza ao redor?”. Justifique. Ou discorrer sobre a questão: “Faça uma reflexão por escrito acerca dos quadrinhos de Quino e a visão de mundo atual”. 	<ul style="list-style-type: none"> • Assistir ao vídeo proposto. • Aprender o conceito de alienação. • Correlacionar alienação com os quadrinhos de Quino. • Responder questões por meio de um breve texto (em dupla) sobre a proposta do exercício reflexivo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Poema musicado (“A rosa de Hiroshima”). • Sala de vídeo. • Cópias dos quadrinhos de Quino. • Lápis. • Papel. • Rádio e CD.

4ª parte

<i>Procedimentos (Professor)</i>	<i>Procedimentos (Aluno)</i>	<i>Recursos</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Caminhar com os alunos pela escola, arredores, praças, cidade etc. • Pedir que observem, analisem e contemplem a natureza ao redor e solicitar que registrem o que veem através de desenhos, poemas, fotos, imagens e, sobretudo, como compreendem o conceito de alma. 	<ul style="list-style-type: none"> • O mesmo do professor. 	<ul style="list-style-type: none"> • Máquina fotográfica. • Bloco de anotações. • Canetas. • Lápis. • Papel.

5ª parte

<i>Procedimentos (Professor)</i>	<i>Procedimentos (Aluno)</i>	<i>Recursos</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Após a coleta e o registro de dados, orientar e solicitar que os alunos produzam uma “mensagem ilustrativa” acerca do que apreenderam na caminhada e aulas anteriores. 	<ul style="list-style-type: none"> • Confeção, criação e produção da “mensagem ilustrativa”. 	<ul style="list-style-type: none"> • Dados registrados. • Imagens. • Papel sulfite.

Avaliação

- Participação oral nos debates realizados em sala de aula.
- Produção de texto em dupla.
- Confeção de “reflexão-ilustrada” sobre a temática estudada.